

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



COPING PRÓ-ACTIVO E SATISFAÇÃO CONJUGAL:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Vanessa Filipa Tavares dos Santos Inácio

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica
Sistémica)**

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



COPING PRÓ-ACTIVO E SATISFAÇÃO CONJUGAL:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Vanessa Filipa Tavares dos Santos Inácio

Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro

Dissertação co-orientada pela Dra. Susana Costa Ramalho

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica
Sistémica)**

2013

Agradecimentos

À minha orientadora e Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro, pelo apoio, disponibilidade, sugestões e serenidade que me transmitiu.

À Dra. Susana Costa Ramalho pelo privilégio de participar no seu projecto de investigação, pelo incansável apoio, dedicação, disponibilidade e exemplo de força.

Aos professores do núcleo de sistémica por todos os conhecimentos partilhados.

Ao meu marido, pelo incondicionável apoio, carinho, dedicação e paciência. Por tornares *nossos*, os meus sonhos. *Melhor é serem dois do que um.*

Aos meus pais e mana, por sempre acreditarem em mim, pelo apoio e mimos com que me envolveram ao longo deste período.

À minha avó pelo seu carinho e constantes orações.

Às colegas do núcleo de sistémica, pelo espírito de entreajuda, em especial nesta fase de final de curso.

Às colegas Andreia e Tânia pela verdadeira amizade, e por todos os momentos que partilhámos ao longo desta caminhada.

Às minhas colegas de estágio Eva e Filipa pelos momentos que vivemos juntas neste ano.

Aos meus amigos que me suportaram em amor e compreenderam a minha ausência durante esta fase.

A todos aqueles que se disponibilizaram para contribuir para este estudo.

A Deus autor da minha existência, *por Ele e para Ele são todas as coisas.*

Resumo

Nesta investigação, de natureza quantitativa, pretendeu-se estudar: 1) a relação entre o *coping* pró-activo e a satisfação conjugal; 2) as eventuais diferenças das variáveis *coping* pró-activo e satisfação conjugal quando associadas a outras variáveis como o sexo, a escolaridade, o tipo de relação conjugal, a coabitação prévia, a duração da relação conjugal, os filhos da relação conjugal e a religiosidade; e 3) identificar quais as variáveis que serão melhores preditores da satisfação conjugal. Recorreu-se a uma amostra de 446 participantes (292 do sexo feminino e 154 do sexo masculino) com relacionamentos conjugais (casamento ou coabitação), a quem se aplicou os seguintes instrumentos: um questionário de dados pessoais e sociodemográficos; o *Proactive Coping Inventory* (PCI) (Schwarzer, 1998; versão portuguesa Costa-Ramalho, S., Marques-Pinto, A., Ribeiro, M.T., 2013) e a *Relationship Rating Form - Revised* (RRF-R) (Davis, 1996; versão portuguesa, Lind, 2008). Os resultados demonstraram que 1) o *coping* pró-activo está associado a uma maior satisfação conjugal; 2) o *coping* pró-activo e o número de filhos da relação conjugal são os melhores preditores para a satisfação conjugal global; 3) os homens têm níveis superiores de confiança, intimidade e paixão do que as mulheres; 4) os casados têm maior confiança do que os coabitantes e usam mais estratégias de *coping* pró-activo; 5) à medida que o tempo de duração da relação conjugal aumenta (primeiros dez anos) a satisfação conjugal global diminui; 6) a inexistência de filhos relaciona-se com uma maior satisfação conjugal global e com maiores estratégias de *coping* pró-activo; 7) a religiosidade, ao nível dos crentes praticantes, está associada a maior confiança, paixão e mais estratégias de *coping* pró-activo em comparação com os crentes não praticantes e não crentes. Com este estudo foi possível tirar algumas conclusões que poderão ter implicações na prática preventiva e clínica, pese o facto de existirem algumas limitações.

Palavras-Chave: *coping* pró-activo, satisfação conjugal, casamento, coabitação

Abstract

The aim of this quantitative investigation is to study: 1) the relationship between *proactive coping and marital satisfaction*; 2) the possible differences between proactive coping and marital satisfaction variables when related to other variables, such as *gender, education, the type of marital relationship, the prior cohabitation, the duration of the marital relationship, the children born from that marital relationship and the religious beliefs*; and 3) to identify which variables will be the best predictor variables of marital satisfaction. This study is based on a 446 participants' sample (292 female participants and 154 male participants) in a marital relationship (marriage or cohabitation), to whom the following surveying instruments have been applied: a personal and socio-demographic data questionnaire; the *Proactive Coping Inventory (PCI)* (Schwarzer, 1998; Portuguese version Costa-Ramalho, S., Marques-Pinto, A., Ribeiro, M.T., 2013) and the *Relationship Rating Form - Revised (RRF-R)* (Davis, 1996; Portuguese version, Lind, 2008). The results have demonstrated that 1) the proactive coping is related to a higher marital satisfaction; 2) proactive coping and the number of children born from that marital relationship are the best predictor variables to a global marital satisfaction; 3) men have higher trust, intimacy and passion levels than women; 4) married people have higher trust than cohabitants and use more proactive coping strategies; 5) as the marital relationship duration increases (first ten years) global marital satisfaction decreases; 6) the nonexistence of children is related to a higher global marital satisfaction and higher proactive coping strategies; 7) religious beliefs, concerning practicing believers, is related to higher trust, passion and more strategies of proactive coping compared to non practicing believers and non-believers. This study allowed some conclusions to be made that might have consequences on the preventive and clinical practice, despite some limitations.

Keywords: proactive coping, marital satisfaction, marriage, cohabitation

Índice

Introdução.....	8
A Complexidade da Conjugalidade.....	9
A Satisfação Conjugal.....	10
Casamento vs Coabitação.....	12
A Satisfação Conjugal e o <i>Coping</i> Pró-activo.....	16
O Presente Estudo.....	16
Método.....	18
Participantes.....	18
Instrumentos.....	18
Procedimento.....	20
Resultados.....	21
Discussão.....	28
Conclusão.....	32
Referências Bibliográficas.....	34

Índice de Figuras

Figura 1. Mapa Conceptual.....	17
--------------------------------	----

Índice de Tabelas

Tabela 1. Teste de normalidade às variáveis em estudo.....	21
Tabela 2. Diferenças entre as medianas da variável sexo em relação ao PCI e RRFR..	22
Tabela 3. Diferenças entre as medianas da variável filhos da relação conjugal em relação ao PCI e à RRFR.....	23
Tabela 4. Correlações entre a variável <i>número de filhos da relação</i> relativamente ao PCI e à RRFR.....	23
Tabela 5. Correlações entre a variável <i>duração da relação</i> relativamente ao PCI e à RRFR.....	24
Tabela 6. Resultados do teste de Kruskal-Wallis para a <i>religiosidade</i> em relação ao PCI e à RRFR.....	25
Tabela 7. Diferenças entre as médias na variável <i>religiosidade</i>	26
Tabela 8. Correlação entre as variáveis <i>Satisfação Conjugal</i> e <i>Coping pró-activo</i>	27

APÊNDICES

APÊNDICE I - Caracterização da Amostra	41
APÊNDICE II - Tabelas de Resultados.....	43
APÊNDICE III - Modelo de Regressão Linear Múltipla	48
APÊNDICE IV - Transformação da variável RRFR Total	51

ANEXOS

ANEXO A - Questionário de dados pessoais e sociodemográficos.....	53
ANEXO B - Proactive Coping Inventory.....	56
ANEXO C - Relationship Rating Form Revised - RRFR	58

Introdução

O enfoque do presente estudo¹ visa compreender as relações entre as variáveis *coping* pró-activo e *satisfação conjugal* em participantes, não necessariamente casados entre si, ao longo dos primeiros dez anos de relação conjugal (casamento ou coabitação), e apurar se existem diferenças face às variáveis anteriores quando consideramos o *sexo*, a *escolaridade*, a *relação conjugal*, a *coabitação prévia*, a *duração da relação conjugal*, *os filhos da relação conjugal* (existência e quantidade) e a *religiosidade*. Pretende-se ainda perceber quais são os melhores preditores para explicar a *satisfação conjugal*.

A escolha do presente tema é justificada 1) pelo facto de ainda não haver estudos que relacionem o *coping* pró-activo em simultâneo com a *satisfação conjugal*; 2) pelas elevadas taxas de divórcio, entre 1990 e 2010 os divórcios triplicaram na população portuguesa (INE, 2012); 3) pela relevância das relações íntimas que, quando vividas de forma satisfatória, são geradoras de bem-estar e de maior expectativa de vida (Wilcox, 2005); 4) pela importância de estratégias de *coping* pró-activo que, estão associadas a resultados positivos e importantes para a promoção da saúde e do bem-estar (Greenglass & Fiksenbaum, 2009).

Ambicionamos que, dada a escassez de estudos sobre este tema, o presente estudo contribua para o enriquecimento do conhecimento relativo à relação entre o *coping* pró-activo e a *satisfação conjugal*, no contexto português.

Assim sendo, o presente trabalho organiza-se da seguinte forma: partiremos da revisão de literatura recolhida sobre o tema; de seguida será apresentado o processo metodológico e os resultados obtidos; seguir-se-á a discussão desses mesmos resultados, confrontando-os com a literatura consultada; e a conclusão como síntese dos principais resultados onde serão também apresentadas limitações e implicações para investigações futuras, para a prática preventiva e clínica.

¹ O presente estudo constitui um recorte de uma investigação a decorrer no âmbito do projecto de doutoramento de Susana Costa Ramalho, intitulada: *Educar (n)a conjugalidade: Variáveis psicossociais na promoção da qualidade relacional e do bem-estar pessoal*.

A Complexidade da Conjugalidade

Os seres humanos sendo únicos e múltiplos existem em relação (Morin, 2001), isto é, o indivíduo é fruto dos relacionamentos vividos desde os primeiros dias da sua vida. A tendência para os relacionamentos amorosos numa determinada fase da nossa vida promove a formação de casais, “...ali onde não havia nada, dois indivíduos viram um casal e tendo-o visto criaram-no” (Caillé, 1991 p.41). Segundo Caillé (1991), $1+1=3$ cada casal cria o seu modelo único, que denomina de "absoluto do casal", que define a existência conjugal e determina os seus limites. A sua definição de casal considera os dois membros do casal e o seu modelo único, de ser casal. Neste sentido é possível afirmar que todo o casal é constituído por três elementos: *eu*, *tu* e *nós*. O *eu* e *tu* dizem respeito às características físicas, cognitivas, emocionais e morais de cada indivíduo, enquanto o *nós* dá significado ao projecto e ao processo de casal (Alarcão, 2006).

Este estudo foca-se particularmente nos primeiros dez anos de vida da relação conjugal, quer seja relação matrimonial, quer seja união-de-facto². DeFranck-Lynch (1986 cit. Relvas, 1996) denomina os primeiros dez anos da vida do casal como o estádio de fusão. Este autor refere-se ao ciclo vital do casal dividido em três fases, sendo a principal tarefa da primeira fase a fusão de dois indivíduos distintos num só sistema, implicando todo o investimento na criação da nova relação. Este período é classificado de “exaltante e difícil”, por ser a altura de maior fecho do sistema, sendo nomeado como o estádio do estabelecimento do *nós*, caracterizado por ser um processo complicado, devido a factores que, como o poder e o controlo da relação, são primordiais nesta fase.

O casamento constitui a principal fonte das relações familiares, e a relação de casal bem-sucedida é uma componente significativa do projecto de vida para a maior parte das pessoas (Costa-Ramalho, Marques Pinto & Ribeiro, 2013). A palavra casamento está associada tradicionalmente à frase célebre *e viveram felizes para sempre*. No entanto, tornar-se casal é das transições mais complexas e difíceis do ciclo de vida familiar (Morris & Carter, 1999), por tudo o que tornar-se casal acarreta, nomeadamente as exigências de lidar com as diferenças; a impreparação para a vida a dois; a resiliência para manter o compromisso; a comunicação, partilha e equilíbrio “eu-

² No caso de união de facto (coabitação), considera-se como critério a referência legal portuguesa (Lei n.º 135/99): pessoas de sexo oposto que vivam em comunhão de habitação, mesa e leito há mais de dois anos mas que não tenham um vínculo de casamento.

nós” (Costa-Ramalho, Marques Pinto & Ribeiro, 2013). Mesmo assim, 90% da população mundial pensa um dia vir a casar-se (Narciso & Ribeiro, 2009).

A Satisfação Conjugal

As relações íntimas são o factor basilar da vida adulta, uma vez que quando vividas de forma satisfatória têm efeitos ao nível profissional e da saúde física e mental, (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004), são geradoras de bem-estar, de maior expectativa de vida e de um melhor desempenho das responsabilidades parentais (Wilcox, 2005). Diversos estudos têm-se debruçado sobre a temática da satisfação conjugal (Bradbury, Fincham, & Beach, 2000) a qual implica uma avaliação pessoal do casamento, ou seja, permite a análise do ponto de vista dos cônjuges. A satisfação numa relação é fundamental para o bem-estar, visto que reflecte uma avaliação positiva do outro e da relação em causa (Narciso & Ribeiro, 2009), implica sentir as necessidades e desejos satisfeitos, assim como corresponder às expectativas do outro. Resulta da congruência entre as expectativas e aspirações que os cônjuges têm em comparação com a realidade vivida no casamento (Campbell, Converse, & Rogers, 1976 cit. *in* Norgren et al., 2004).

Segundo Narciso e Ribeiro (2009) a satisfação conjugal é influenciada por vários factores e, em particular, os factores centrípetos que são gerados directamente pela relação conjugal e que dela são geradores. Estes são considerados como os que mais influenciam a satisfação conjugal, uma vez que correspondem à qualidade conjugal e são denominados de processos afectivos, comportamentais e cognitivos. Deste modo, os processos afectivos contemplam os sentimentos, a intimidade e o compromisso; os factores comportamentais dizem respeito à comunicação, à resolução de conflitos e ao controlo relacional; enquanto os factores cognitivos abrangem as percepções, as atribuições e as expectativas. Os factores centrífugos são mais periféricos, mas também influenciam e sofrem influência do sistema conjugal, incluem-se factores pessoais, contextuais e demográficos. Os factores pessoais dizem respeito nomeadamente a padrões de vinculação, características individuais, etc.; os factores contextuais contemplam a família de origem, rede social, trabalho profissional, etc.; quanto aos factores demográficos dizem respeito a idade, sexo, habilitações literárias, nível sócio-económico, etc. Finalmente, o factor tempo ou percurso de vida, corresponde ao tempo de duração da relação, às etapas normativas e não normativas ao longo do ciclo de vida

do casal, e que influencia os factores anteriores e é influenciado por eles. Através da avaliação destes factores obtém-se o estado de satisfação conjugal.

Kurdek (2005) refere que os primeiros níveis de satisfação conjugal em casais recém-casados são um preditor significativo da ocorrência ou não do divórcio no casal. Estudos indicam que a duração do casamento está negativamente correlacionada com a satisfação conjugal (e.g., Dush, Taylor, & Kroeger, 2008). Deste modo, várias propostas foram apresentadas nas últimas décadas para explicar a melhoria ou a deterioração da qualidade dos relacionamentos dos casais. Os estudos têm incidido sobre a identificação de comportamentos interpessoais que influenciam a qualidade do relacionamento, tais como habilidades sociais, estilos de comunicação, e resolução de problemas (e.g., Gottman, 1998). Segundo Levenson, Carstensen e Gottman (1993) o casamento favorece mais os homens, que relatam maiores níveis de satisfação conjugal do que as mulheres. Por sua vez, Lind (2008), no seu estudo entre casais monoculturais e casais biculturais, constatou que os cônjuges portugueses e estrangeiros, independentemente do sexo, não diferiam na satisfação conjugal global.

Um dos factores com relevante influência na satisfação conjugal é o nascimento de um filho (Twenge, Campbell, & Foster, 2003), uma vez que esta experiência causa um enorme impacto na vida pessoal e familiar dos novos pais, com grandes mudanças e adaptações a novos papéis, responsabilidades e rotinas (Relvas, 1996). Neste sentido, as várias classificações do ciclo de vida consideram que o nascimento do primeiro filho é o acontecimento-chave que propicia a transição para uma nova etapa da família (Relvas, 1996). Estudos sugerem que a satisfação conjugal diminui após o nascimento de uma criança devido a conflitos de papéis e restrição de liberdade. Casais com filhos relatam uma menor satisfação conjugal em comparação com casais sem filhos, sendo o número de filhos na família inversamente proporcional aos níveis de satisfação conjugal dos pais (Twenge et al., 2003).

Um outro factor preditor para a satisfação conjugal poderá ser, de acordo com Heaton (2002), o nível de escolaridade, mais concretamente o nível de ensino superior. No entanto, Alder (2010) concluiu que o nível de escolaridade não parece estar relacionado com a satisfação conjugal.

Segundo Wilcox e Wolfinger (2008) um factor que parece ter impacto positivo na qualidade conjugal é o envolvimento religioso, uma vez que a participação religiosa beneficia as relações amorosas através dos comportamentos positivos que incentiva. Nomeadamente, valores relacionais, normas e apoio social que por sua vez promovem o

investimento na relação. Inversamente desencoraja os comportamentos negativos que são danosos para a relação (e.g., violência doméstica, infidelidade). Particularmente os estudos apontam para benefícios do envolvimento religioso mais forte para os homens do que para as mulheres (Wolfinger & Wilcox, 2008).

A capacidade de perdoar um parceiro pode ser um dos factores mais importantes na manutenção de relações saudáveis e românticas (Fincham, 2009). Schumann (2012) no seu estudo sobre associações entre satisfação na relação, sinceridade das desculpas e perdão, constatou que o pedido de desculpas prediz o perdão apenas para os indivíduos muito satisfeitos com seus relacionamentos. Além disso, a satisfação com o relacionamento foi positivamente associado com a sinceridade das desculpas e os resultados sugerem que os indivíduos satisfeitos, comparativamente aos menos satisfeitos, são mais tolerantes com o pedido de desculpas, porque o consideram uma expressão sincera de arrependimento. Segundo Gottman e Silver (2001) as conjugalidades satisfeitas caracterizam-se por casais cujos comportamentos, pensamentos e sentimentos positivos prevalecem sobre os negativos, mesmo em situações de conflito. Importa a capacidade de resolução de conflitos, e a capacidade de ultrapassar estas situações mediante tentativas eficazes de reconciliação e de gestão de problemas não resolvidos.

Casamento vs Coabitação

Segundo Bachrach, Hindin e Thomson (2000 cit. *in* Coast, 2009, p.2) a coabitação pode ser definida como "uma união sexual íntima entre dois parceiros não casados que compartilham as suas vidas por um longo período de tempo".

Um dos factores que está actualmente a contribuir para a diminuição da taxa de casamentos é o aumento das uniões de facto (Narciso & Ribeiro, 2009). Dados actuais (INE, 2012) indicam que o número de casamentos tende a diminuir, com especial incidência a partir do ano 2000, mais concretamente em 2010 os casamentos celebrados representaram menos de 60% dos celebrados em 1999. É visível o crescente aumento que a coabitação tem vindo a ter nos países industrializados; entre os mais jovens a coabitação tem sido vista como um substituto do casamento (Budinski & Trovato, 2005), cada vez mais permanece-se solteiro para o resto da vida (Mynarska & Bernardi, 2007) e, para muitos, a coabitação parece ser mais uma alternativa a ser-se solteiro do que um substituto do casamento (Manning & Smock, 2005). A propagação da

coabitação ocorreu a um ritmo diferente na Europa, mais concretamente nos países do Norte em que este tipo de união é actualmente tão consensual quanto a união matrimonial, o que contrasta com os países do Sul. No caso particular de Portugal, este tipo de união é consideravelmente menor, apesar de nos últimos anos se ter vindo a verificar um aumento dos seus índices de coabitação (Rosina & Fabroni, 2004). Muitos casais percebem a coabitação como um “período experimental” (Popenoe & Whitehead, 1999). Um dos primeiros estudos quantitativos sobre as razões para a coabitação (Rhoades, Stanley, & Markman, 2009) indica que os casais que coabitam relatam com maior frequência que começaram a viver juntos para poderem passar mais tempo juntos. De facto, só cerca de 15% classificaram “testar a relação” como a principal razão para as suas próprias coabitações, embora a maioria dos jovens casais considere a coabitação como um teste à compatibilidade. Os estudos sugerem que casamentos precedidos por coabitação têm taxas de divórcio mais elevadas (Lillard, Brien, & Waite, 1995), particularmente em países ocidentais (DeMaris & Rao, 1992). Este aumento da coabitação é importante porque as pesquisas mostram que esta fase nas relações está associada com menor qualidade na relação comparativamente ao casamento (Skinner, Bahr, Crane, & Call, 2002). A investigação que tem vindo a comparar o casamento e a coabitação, indica que os coabitantes tendem a ser menos comprometidos, menos satisfeitos, tendem a ter mais conflitos, e a ser fisicamente mais agressivos (Stafford, Kline, & Rankin, 2004; Stanley, Whitton, & Markman, 2004). A teoria do compromisso de Stanley e Markman (1992) denominada de inércia explica as razões do aumento do risco de divórcio provocadas pela coabitação antes do casamento. Esta teoria revela que existe um aumento dos constrangimentos (e.g., investimentos financeiros em conjunto) quando os casais coabitam e, por sua vez, estes tornam mais difícil o término da relação (Stanley, Rhoades, & Markman, 2006), independentemente da relação de dedicação, isto é, o desejo pessoal de estar com o parceiro na relação e mantê-la no futuro (Rhoades, Stanley, & Markman, 2012). É também referido que a experiência de coabitação está associada a baixos níveis de satisfação e dedicação na relação, concluindo-se que alguns casais nunca se teriam casado se não tivessem coabitado, dada a base das relações de coabitação estar assente na ambiguidade como segurança (Stanley, Rhoades, & Fincham, 2011). Manning e Smock (2005) concluíram no seu estudo que, cerca de metade dos entrevistados não descreveram o processo de coabitação como sendo uma decisão deliberada, ao que denominaram de *slide*, um “deslizar” para a coabitação. O *sliding* por meio de transições no relacionamento e

acontecimentos chave, aumenta os constrangimentos (e.g., gravidez, casamento) que podem estar associados a maiores riscos, nomeadamente angústia e divórcio, do que uma decisão explícita e ponderada (Stanley et al., 2006).

Kulik e Havusha-Morgenstern (2011) apresentaram um estudo onde foram analisadas as diferenças e as variáveis pessoais e conjugais relacionadas com o ajustamento conjugal entre mulheres que coabitaram e as que não coabitaram com os seus cônjuges antes do casamento. Entre as mulheres que não coabitaram, os resultados mostraram melhores níveis de ajustamento conjugal, maior coesão e desmonstração de afecto, para além da maior tendência de recurso ao uso de estratégias de resolução de conflitos do que as mulheres que coabitaram. Neste sentido, os resultados de investigação sugerem que o bem-estar psicológico das mulheres é mais susceptível de ser afectado negativamente pela coabitação (Rhoades et al., 2006, 2009), visto que, os homens em coabitação têm maior tendência a ser menos comprometidos com os seus relacionamentos do que as mulheres em coabitação (Rhoades et al., 2006). Os homens mostraram-se mais propensos a começar uma vida a dois, como um teste à relação, o que leva a um menor ajustamento, confiança e dedicação (Rhoades et al., 2009).

Contudo, a coabitação antes do casamento não está associada a resultados conjugais negativos para todos os casais, sendo o estatuto de noivado um factor-chave no começo da coabitação. Diversos estudos indicam que casais recém-casados que coabitaram antes do noivado tinham menor qualidade na relação e maiores interacções conjugais negativas do que aqueles que coabitaram só depois de assumir o noivado ou que não o fizeram até o casamento, não se encontrando diferenças entre os dois últimos grupos (Kline et al., 2004).

O Coping Pró-Activo

Neste estudo considera-se relevante investigar estratégias de *coping*. Schwarzer e Taubert (2002) sugerem uma distinção entre quatro tipos de *coping*: o *coping* reactivo refere-se à reacção dos indivíduos face aos danos ou perdas experimentadas no passado; o *coping* antecipatório quando há uma ameaça iminente; o *coping* preventivo refere-se a uma potencial ameaça num futuro distante e o *coping* pró-activo, desenvolvido neste estudo e, considerado um dos mais recentes constructos da Psicologia Positiva (Roesch et al., 2009). Introduzido por Schwarzer (1999), é tido como uma estratégia multidimensional e orientada para o futuro, que integra processos de qualidade pessoal, de gestão da vida como de auto-regulação e realização de objectivos. Esta definição de

coping pró-activo, que é o foco do presente estudo, é diferente da que é apresentada por Aspinwail e Taylor (1997) que se concentram na forma de pró-actividade orientada para a prevenção. Aquilo que o distingue de outras formas de *coping* mais tradicionais, já anteriormente mencionadas, é a sua orientação para o futuro em detrimento da tendência de ser reactivo; o facto de dar particular enfoque à gestão de objectivos em detrimento da gestão de riscos; e a motivação positiva com que se encaram as situações, vividas como desafiantes e não como ameaçadoras (Greenglass, 2002). O *coping* pró-activo distingue-se segundo Greenglass et al. (1999), por três principais características: integra estratégias de planeamento e prevenção para auto-regulação de objectivos; procura alcançar objectivos por identificação e utilização de recursos sociais; e utiliza o *coping* pró-activo emocional para a obtenção de objectivos. Através do *coping* pró-activo os indivíduos percebem situações exigentes como desafios pessoais, não são reactivos, mas pró-activos, no sentido de iniciarem um caminho construtivo de criação de oportunidades de crescimento, interpretando o *stress* como *eustress*, isto é, com entusiasmo e energia (Schwarzer & Taubert, 2002). As competências que caracterizam este comportamento podem incluir planeamento, definição de metas, organização e simulação mental (Aspinwail & Taylor, 1997).

O *coping* para um indivíduo pró-activo é uma forma de se ver a si próprio e ao mundo, é um estilo de vida baseado em crenças existenciais de que tudo vai funcionar da melhor forma, não por sorte nem por factores não controláveis, mas através da responsabilização para si das consequências dos seus actos. O *coping* pró-activo emprega visões de sucesso e estratégias emocionais positivas. Dois elementos essenciais para o sistema de crenças pró-activas são a consciência de que o curso de vida é determinado pela capacidade do próprio indivíduo fazer acontecer as coisas e não por factores externos; e a vida é uma fonte abundante de recursos pelo que o indivíduo pode acumulá-los, dar passos no sentido de prevenir o esgotamento de recursos e ser capaz de os mobilizar quando necessário (Greenglass et al., 1999).

Estudos indicam que em contexto laboral o uso do *coping* pró-activo diminui não só o cansaço e a raiva, como revela uma maior eficácia profissional, isto, porque as pessoas acreditam na sua capacidade para enfrentar os desafios ao acumular recursos e estabelecer metas de melhorias; percebem o tratamento no trabalho de forma justa; e têm maior satisfação com a vida (Greenglass, 2000 cit. in Greenglass, 2002).

A Satisfação Conjugal e o *Coping* Pró-activo

A satisfação conjugal é crucial para o bem-estar ao reflectir uma avaliação positiva do outro e da relação; aparentemente a conjugalidade é uma fonte de bem-estar (Narciso & Ribeiro, 2009). Muitas são as pesquisas (e.g., Acitelli, 1996 cit. in Narciso & Ribeiro, 2009) que indicam que, na população casada, o nível de mortalidade é menos elevado e o nível de bem-estar é superior ao da população não casada. Existem menos casos de tratamento em saúde mental, mais sinais positivos de bem-estar psicológico, nomeadamente felicidade e satisfação com a vida, e menos sinais negativos, entre os quais a depressão e a ansiedade, comparativamente à população não casada. É de ressaltar que o casamento pode igualmente ser fonte de *stress*, por isso a associação positiva entre casamento e bem-estar só é válida em casamentos felizes (Fincham & Bradbury, 1990b cit. in Narciso & Ribeiro, 2009). Segundo Biehle (2009) as estratégias de *coping* pró-activo resultam em benefícios para a relação do casal, o que facilita as fases de transição do ciclo de vida familiar.

Uskul e Greenglass (2005) analisaram a depressão e a satisfação com a vida como indicadores de bem-estar psicológico numa amostra de casais imigrantes. Os resultados apontam que o *coping* pró-activo e o optimismo predizem o bem-estar psicológico e num contexto de imigração podem ser mais úteis na prevenção da depressão do que propriamente na satisfação com a vida. Os casais imigrantes revelaram uma maior satisfação com a vida e menores níveis de depressão comparativamente aos imigrantes solteiros, divorciados ou viúvos.

Uma vez que o *coping* pró-activo está associado a resultados positivos e importantes para a promoção da saúde e do bem-estar (Greenglass & Fiksenbaum, 2009), considera-se pertinente investigar qual o impacto desta estratégia não só a nível individual, como também ao nível da satisfação conjugal.

Em suma, esta investigação propõe-se a fazer um estudo inovador na exploração simultânea das variáveis *coping* pró-activo e satisfação conjuga.

O Presente Estudo

Este estudo insere-se na temática da conjugalidade e apresenta como principal objectivo o estudo da relação entre o *Coping* Pró-activo e a Satisfação Conjugal nos primeiros dez anos de relação e perceber quais as influências que estas duas variáveis exercem entre si. Neste sentido são apontadas algumas questões de investigação:

- Existem diferenças significativas quanto ao *Coping* Pró-activo e quanto à Satisfação Conjugal quando consideramos as variáveis sexo, escolaridade, relação conjugal, filhos da relação conjugal (existência e quantidade), duração da relação conjugal, coabitação prévia e religiosidade?

- De que forma o *Coping* Pró-activo se relaciona com a Satisfação Conjugal?

- Quais serão os melhores preditores para explicar a Satisfação Conjugal?

Na Figura 1 apresenta-se o mapa conceptual que, de acordo com Narciso (2001) é uma ferramenta que serve para explicar as principais variáveis da investigação e a forma como estas se relacionam. Este mapa é constituído por duas variáveis relacionais: a variável *Coping* pró-activo e a variável Satisfação conjugal, com o intuito de perceber como estes dois constructos variam entre si e como variam face às variáveis sociodemográficas: sexo, escolaridade, relação conjugal, duração da relação conjugal, filhos da relação conjugal (existência e quantidade), coabitação prévia e religiosidade.

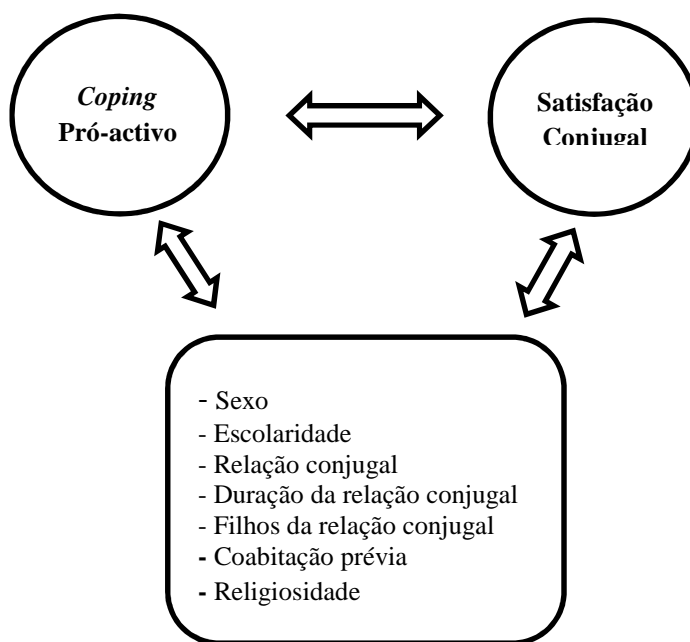


Figura 1. Mapa Conceptual

Método

Participantes

A amostra estudada (APÊNDICE I) é composta por 446 sujeitos (292 do sexo feminino e 154 do sexo masculino), com relacionamentos conjugais, não necessariamente entre si, com idades compreendidas entre os 21 e os 64 anos, sendo que a maior incidência se verifica na faixa entre os 30 e os 39 anos, tanto para homens como para mulheres (59,8% N=267). Relativamente à relação conjugal 66,6% (N=297) dos participantes encontram-se casados e 32,3% (N=144) encontram-se em união de facto. Quanto à duração da relação, este estudo incide nos primeiros dez³ anos de relacionamento de acordo com a primeira etapa do ciclo conjugal definido por DeFranck-Lynch (1986, cit. in Relvas, 2000). Dos que se encontram casados, a média de duração de casamento é de aproximadamente 6 anos (DP=3,34) relativamente aos que se encontram em união de facto apresentam uma média aproximadamente de 5 anos (DP= 2,77) de duração da relação. No que concerne *ao nível de escolaridade* verifica-se, como mais frequente, entre os sujeitos da amostra, a licenciatura com 49,5% (N=322). Cerca de 95,3% dos sujeitos (N=425) são de nacionalidade portuguesa. Quanto à zona de residência, a maioria dos participantes reside na região de Lisboa e Vale do Tejo, 52% (N= 232). No que concerne a parentalidade a maioria 59,6% (N=266) revela ter filhos da relação conjugal, enquanto 35% (N=156) não passaram por esta experiência. Quanto à *religiosidade* a maioria 45,7% (N=204) considera-se crente não praticante.

Instrumentos

Questionário de dados pessoais e sociodemográficos

Para recolha dos dados gerais foi utilizado um questionário sociodemográfico⁴ constituído por questões de resposta rápida, relativamente a variáveis sociodemográficas, nomeadamente, o sexo, a idade, a nacionalidade, a área de residência, o nível de escolaridade, a crença religiosa e religião. Relativamente ao

³ Em caso de casamento considera-se o intervalo entre 0 e 10 anos; em caso de união-de-facto considera-se o intervalo entre os 2 e os 10 anos de relação.

⁴ O Questionário sociodemográfico foi construído e utilizado no âmbito do projecto de doutoramento da Dra. Susana Costa-Ramalho no qual este estudo se insere, tendo apenas sido referidas as variáveis utilizadas no presente estudo, consultar ANEXO A.

relacionamento conjugal, foi questionado a situação relacional (casamento/união de facto), o tempo de duração do casamento/união de facto e no caso de ser casado se houve coabitação prévia. Questiona-se ainda sobre a existência de filhos da relação conjugal e a sua quantidade.

Inventário de Coping orientado para o futuro – Proactive Coping Inventory (PCI) (Schwarzer, 1998; versão portuguesa Costa-Ramalho, S., Marques-Pinto, A., Ribeiro, M.T., 2013) – 5 itens

O estudo do *Coping* Pró-activo é possível através do *Proactive Coping Inventory (PCI)* em que os indivíduos com resultados mais elevados revelam ter crenças com um maior potencial de mudança de si próprio e do seu ambiente. O PCI é composto por sete escalas e um total de 55 itens que implementam o *coping* a um nível cognitivo e ambiental baseado na fonte de recursos, responsabilidade e visão, os quais variam entre não concordo (1) e concordo fortemente (4).

Marques, Lemos, e Greenglass (2004) traduziram a e adaptaram o PCI para a população portuguesa, que por sua vez Costa-Ramalho, Marques Pinto & Ribeiro (2013) adaptaram para o contexto específico da relação de casal, ao qual renomearam de *Couple Prospective Coping Inventory*⁵. De forma a manter-se a equivalência operacional do instrumento no seu formato, instruções e metodologia foram seleccionados 8 itens que melhor se ajustavam ao contexto de relacionamentos conjugais dentro de duas escalas: *coping* pró-activo e *coping* preventivo. Esta estrutura de dois factores mostrou uma alta correlação entre os mesmos ($r=.91$) e baixa fiabilidade para ambas as escalas. O modelo de um factor revelou ser a solução que melhor se ajustou à amostra. Foi necessário eliminar 3 itens para alcançar um *alfa de Cronbach* de .74.

Satisfação Conjugal – *Relationship Rating Form (RRF-R)* (Davis, 1996, versão portuguesa, Lind, 2008) – 46 itens

A versão portuguesa da escala RRF-R utilizada neste estudo foi criada no sentido de permanecer o mais fiel possível à versão original de Davis (1996, citado por Lind, 2008). Este instrumento pretende medir a qualidade de relações próximas através de

⁵ A adaptação do PCI para o contexto específico da relação de casal (*Couple Prospective Coping Inventory*) está a ser realizada no âmbito da Tese de Doutoramento da Dra. Susana Costa Ramalho, não tendo sido por isso ainda publicada, ver ANEXO B.

diferentes dimensões. Foram eliminados 22 itens da versão original da RRF, a escala revista, é constituída por um total de 46 itens que se agruparam factorialmente em quatro dimensões: *Paixão* (sentimentos face ao parceiro), *Confiança* (confiança na relação e inspirada pelo parceiro), *Conflitos* (aspectos negativos da relação) e *Intimidade* (conhecimento do parceiro e abertura no relacionamento). Este instrumento consiste num conjunto de questões, em que os sujeitos respondem, em escala de Likert de nove pontos, entre Nada (1) e Completamente ou extremamente (9). A RRF-R⁶ revelou ter propriedades psicométricas satisfatórias, com muito boa consistência interna ao nível da escala total e uma boa estabilidade temporal, com valores de *alfa de Cronbach* entre .76 e .97.

Procedimento

Os dados para a presente investigação foram recolhidos, no âmbito do estudo de doutoramento anteriormente referido entre Fevereiro de 2012 e Fevereiro de 2013, em dois formatos: em versão papel, considerando-se amostra de conveniência (Hill & Hill, 2005) em que a cada participante foi entregue um protocolo dentro de um envelope onde constavam os instrumentos de avaliação e cuja primeira folha continha uma breve apresentação do estudo, instruções gerais relativas ao procedimento e o pedido de consentimento informado. O segundo formato realizou-se em versão *online* usando métodos de amostragem bola de neve. Solicitou-se a participação no estudo através de *emails* e das redes sociais, disponibilizando uma ligação de acesso para a página de consentimento informado do protocolo. Este foi construído numa plataforma comercial que assegura o total anonimato dos respondentes. Dada a sua pertinência, destacam-se para este estudo o *Questionário de dados pessoais e sociodemográficos*; o *Inventário de Coping orientado para o futuro – Proactive Coping Inventory (PCI)* (Schwarzer, 1998; versão portuguesa Costa-Ramalho, S., Marques-Pinto, A., Ribeiro, M.T., 2013) e a *Escala de Satisfação Conjugal – Relationship Rating Form (RRF-R)* (Davis, 1996, versão portuguesa, Lind, 2008).

Sendo assim, os sujeitos colaboraram, neste estudo, voluntariamente e sob consentimento informado.

O procedimento estatístico foi realizado através do *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 20.0 for Windows*.

⁶ Ver ANEXO C.

Resultados

Após ter-se procedido à verificação da base de dados e, antes da verificação dos pressupostos de normalidade foram retirados 27 participantes⁷, passando a amostra a constituir 446 sujeitos.

Verificação dos Pressupostos de Normalidade

O Pressuposto da normalidade não se verificou em nenhuma das variáveis do presente estudo, como pode ser constatado na Tabela 1, (RRFR_Confiança; RRFR_Intimidade; RRFR_Paixão; RRFR_Conflitos; RRFR_Total e PCI valor- $p < 0,05$) pelo que se optou pela realização de testes não paramétricos.

Tabela 1. Teste de normalidade às variáveis em estudo

	Teste Kolmogorov-Smirnov					PCI
	RRFR Confiança	RRFR Conflitos	RRFR Intimidade	RRFR Paixão	RRFR Total	
N	446	446	446	446	446	446
Kolmogorov-Smirnov Z	3,684	2,476	4,042	3,758	3,018	2,406
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000

- Existem diferenças significativas quanto à Satisfação Conjugal e quanto ao Coping Pró-activo quando consideramos as variáveis sexo, escolaridade, relação conjugal, filhos da relação conjugal, duração da relação conjugal, coabitação prévia e religiosidade?

Verificam-se diferenças significativas quanto ao *sexo* entre homens e mulheres no que respeita aos valores da subescala de Confiança ($U=19490$; $p=0,021$), Intimidade ($U=19380,5$; $p=0,016$) e Paixão ($U=19120$; $p=0,009$). Constata-se que os homens apresentam valores significativamente superiores aos das mulheres nas subescalas de Confiança ($Me^8=8,18$ e $Me=8$), Intimidade ($Me=7,75$ e $Me=7,5$) e Paixão ($Me=8,05$ e $Me=7,89$) como pode ser confirmado na Tabela 2.

⁷ 27 participantes que eram outliers 5 ou mais vezes ao longo do estudo.

⁸ $Me=$ Mediana. Para demonstrar as diferenças entre os grupos recorreu-se à mediana e não à média, uma vez que tal é mais correcto, dado estarmos perante testes não paramétricos. O teste de Mann-Whitney compara ordens, pelo que apresenta os valores das ordens médias, no entanto e para facilitar a leitura dos dados, opta-se por indicar a mediana, cuja compreensão do significado é mais imediata.

Tabela 2. Diferenças entre as medianas da variável *sexo* em relação ao PCI e à RFR

	Sexo	N	Mediana	U	Valor-p
RRFR_Confiança	Feminino	292	8,00	19480	,021
	Masculino	154	8,18		
RRFR_Conflitos	Feminino	292	7,86	32823,5	,217
	Masculino	154	7,61		
RRFR_Intimidade	Feminino	292	7,50	19380,5	,016
	Masculino	154	7,75		
RRFR_Paixão	Feminino	292	7,89	19120	,009
	Masculino	154	8,05		
RRFR_Total	Feminino	292	7,74	20339,5	,098
	Masculino	154	7,87		
PCI	Feminino	292	3,40	22251,5	,856
	Masculino	154	3,40		

Quanto à *escolaridade* não se detectam diferenças significativas ($\alpha=0,05$) entre os três grupos (1º ciclo – 3º ciclo; secundário; ensino superior) quanto à distribuição dos valores das variáveis analisadas (subescalas/escala RFR e PCI⁹).

Relativamente à *relação conjugal*¹⁰ verificam-se diferenças significativas entre casados e em união de facto quanto aos valores da subescala de Confiança (U=18793,5; p=0,039) e na escala PCI (U=18891,5; p=0,045). Constata-se que os participantes casados apresentam valores superiores aos participantes em união de facto no que se refere à Confiança (Me=8,21 e Me=7,93) e ao PCI (Me=3,40¹¹ e Me=3,40).

No que concerne aos *filhos da relação conjugal* e analisando as dimensões da RFR e o PCI, registam-se diferenças significativas entre quem não tem filhos da relação conjugal e quem tem filhos da relação em todas as variáveis consideradas, (Confiança: U=14282,5; p<0,001; Conflitos: U=17406,5; p=0,006; Intimidade: U=14488; p<0,001; Paixão: U=13282,5; p<0,001; RFR Total: U=13543; p<0,01; PCI: U=18152; p=0,03), como pode ser observado na Tabela 3. A tendência registada vai no sentido de que quem não tem filhos da relação conjugal apresenta valores superiores nas diversas variáveis consideradas comparativamente a quem tem filhos (Confiança: Me=8,43 e Me=7,74; Conflitos: Me=7,86 e Me=7,71; Intimidade: Me=7,83 e Me=7,17; Paixão: Me=8,26 e Me=7,68; RFR Total: Me=8,11 e Me=7,53; PCI: Me= 3,4 e Me=3,4). No caso do PCI refira-se as ordens médias são de 228,14 e 201,74 para o grupo que não tem filhos e para o grupo que tem filhos, respectivamente.

⁹ Ver APÊNDICE II - Tabelas A1 e A2.

¹⁰ Ver APÊNDICE II - Tabelas B1 e B2.

¹¹ Salienta-se que apesar do valor da mediana relativa ao PCI ser idêntico nos dois grupos, o teste de Mann-Whitney baseia-se nas ordens, sendo que os casados apresentam uma ordem média de 229,39 e os que se encontram em união de facto 203,69.

Tabela 3. Diferenças entre as medianas da variável *filhos da relação conjugal* em relação ao PCI e RRFR

	Filhos da relação conjugal	N	Mediana	U	Valor-p
RRFR_Confiança	Não	156	8,43	14282,50	,000
	Sim	266	7,74		
RRFR_Conflitos	Não	156	7,86	17406,50	,006
	Sim	266	7,71		
RRFR_Intimidade	Não	156	7,83	14488,00	,000
	Sim	266	7,17		
RRFR_Paixão	Não	156	8,26	13282,500	,000
	Sim	266	7,68		
RRFR_Total	Não	156	8,11	13543,00	,000
	Sim	266	7,53		
PCI	Não	156	3,40	18152,00	,030
	Sim	266	3,40		

Da mesma forma, ao fazer-se a correlação com a variável *número de filhos da relação*, constatam-se, pela Tabela 4, correlações significativas e negativas entre o número de filhos e subescalas/escala RRFR (Confiança: $r_s = -,191$; $p < 0,001$; Conflitos: $r_s = -,100$; $p < 0,042$; Intimidade: $r_s = -,182$; $p < 0,001$; Paixão: $r_s = -,228$; $p < 0,001$; RRFR Total: $r_s = -,212$; $p < 0,001$). O que indica que a satisfação conjugal diminui com a quantidade de filhos na relação. A correlação entre o número de filhos da relação e o PCI não é estatisticamente significativa.

Tabela 4. Correlações entre a variável *número de filhos da relação* relativamente ao PCI e à RRFR

			RRFR Confiança	RRFR Conflitos	RRFR Intimidade	RRFR Paixão	RRFR Total	PCI
rho de Spearman	Número de filhos da relação conjugal	Coefficiente de correlação	$-,191^{**}$	$-,100^*$	$-,182^{**}$	$-,228^{**}$	$-,212^{**}$	$-,085$
		Valor-p	,000	,042	,000	,000	,000	,085
		N	411	411	411	411	411	411

* $p < ,05$. ** $p < ,001$

Quanto à *duração da relação conjugal*, correlaciona-se de forma significativa com todas as subescalas da RRFR e com a RRFR Total, como pode ser constatado na Tabela 5. Uma vez que o coeficiente de correlação de Spearman é negativo, isto significa que à medida que aumenta a duração da relação (de 0 a 10 anos), menores são os valores obtidos nas variáveis da RRFR. No caso do PCI a correlação com a duração da relação não é estatisticamente significativa ($r_s = -0,021$; $p = 0,664$, $n = 427$).

Tabela 5. Correlações entre a variável *duração da relação* relativamente ao PCI e à RRFR

		Duração da relação conjugal (anos)	
rho de Spearman	RRFR_Confiança	Coeficiente de Correlação	-,109*
		Valor-p	,024
		N	427
	RRFR_Conflitos	Coeficiente de Correlação	-,136**
		Valor-p	,005
		N	427
	RRFR_Intimidade	Coeficiente de Correlação	-,110*
		Valor-p	,023
		N	427
	RRFR_Paixão	Coeficiente de Correlação	-,164**
		Valor-p	,001
		N	427
	RRFR_Total	Coeficiente de Correlação	-,139**
		Valor-p	,004
		N	427
	PCI	Coeficiente de Correlação	-,021
		Valor-p	,664
		N	427

*p< ,05.** p< ,01

Ao controlar a correlação entre a *duração da relação conjugal* e as subescalas/escala RRFR pela variável *relação conjugal* (casado ou em união de facto) verifica-se uma alteração das correlações iniciais. Assim, realizando as correlações separadamente (casados e em união de facto), constata-se que a correlação entre a duração da relação e as variáveis Confiança ($r_s = -0,186$; $p = 0,027$; $n = 140$) e Intimidade ($r_s = -0,177$; $p = 0,036$; $n = 140$) apenas são significativas para os que se encontram em união de facto. A correlação entre a duração da relação e as variáveis Paixão e RRFR Total são significativas em qualquer um dos grupos. A correlação entre a duração e os conflitos apenas é significativa para os casados ($r_s = -0,140$; $p = 0,019$; $n = 283$). Todas as correlações estatisticamente significativas encontradas são negativas. Assim, para qualquer um dos grupos à medida que aumenta a duração da relação diminui a satisfação em termos de paixão e satisfação conjugal global. Para os casados à medida que aumenta o tempo de relação aumentam os conflitos e para os que se encontram em união de facto à medida que o tempo de duração da relação aumenta a confiança e intimidade diminuem¹².

Ao controlar a correlação entre a *duração da relação conjugal* e as variáveis relativas à satisfação conjugal e ao *coping* pró-activo, através da variável *filhos da relação conjugal*, constata-se que a correlação se altera. Para os relacionamentos sem filhos verifica-se uma correlação estatisticamente significativa entre a *duração da*

¹² Ver APÊNDICE II - Tabela C.

relação conjugal e as subescalas de Intimidade ($r_s = -0,202$; $p = 0,012$; $n = 153$), Paixão ($r_s = -0,240$; $p = 0,003$; $n = 153$) e a escala de RRFR Total ($r_s = -0,203$; $p = 0,012$; $n = 153$). Uma vez que estes coeficientes de correlação são negativos, para quem não tem filhos, à medida que aumenta a duração da relação diminui a satisfação nas dimensões de Intimidade, Paixão e na RRFR Total. Para o sub-grupo que possui filhos nenhuma das correlações entre a duração e as subescalas/escalas se mantém significativa ($p > 0,05$)¹³.

Quanto à *coabitação prévia* e comparando o grupo dos que coabitaram previamente ao casamento com o grupo que não coabitou pode afirmar-se que não existem diferenças significativas quanto aos valores nas subescalas/escala RRFR ou no PCI ($\alpha = 0,05$)¹⁴.

No que concerne à *religiosidade*, comparando os valores nas subescalas/escala RRFR e no PCI entre os três grupos relativos à crença religiosa (não crentes, crentes não praticantes e crentes praticantes). Através da Tabela 6, regista-se que existem diferenças significativas no âmbito da Confiança ($\chi^2_{kw}(2) = 11,24$; $p = 0,004$), Paixão ($\chi^2_{kw}(2) = 8,74$; $p = 0,013$) e PCI ($\chi^2_{kw}(2) = 10,04$; $p = 0,007$). No caso da RRFR Total o valor-p encontrado ($p = 0,057$) situa-se no limiar da significância ($\alpha = 0,05$).

Tabela 6. Resultados do teste de Kruskal-Wallis para a *religiosidade* em relação ao PCI e à RRFR

	Religiosidade	N	$\chi^2_{kw} (g.l.)^{15}$	Valor-p
RRFR_Confiança	Não crente	88	11,24 (2)	,004
	Crente não praticante	204		
	Crente praticante	129		
RRFR_Conflitos	Não crente	88	,494 (2)	,781
	Crente não praticante	204		
	Crente praticante	129		
RRFR_Intimidade	Não crente	88	3,25 (2)	,197
	Crente não praticante	204		
	Crente praticante	129		
RRFR_Paixão	Não crente	88	8,74 (2)	,013
	Crente não praticante	204		
	Crente praticante	129		
RRFR_Total	Não crente	88	5,75 (2)	,057
	Crente não praticante	204		
	Crente praticante	129		
PCI	Não crente	88	10,04 (2)	,007
	Crente não praticante	204		
	Crente praticante	129		

¹³ Ver APÊNDICE II - Tabela D.

¹⁴ Ver APÊNDICE II - Tabela E1 e E2.

¹⁵ Estatística do teste de Kruskal Wallis e respectivos graus de liberdade.

Uma vez que importa detectar entre que grupos se situam as diferenças encontradas e uma vez que o teste de Kruskal Wallis não dispõe de testes associados que procederam às comparações múltiplas, optou-se por utilizar o teste de Tukey associado ao teste paramétrico ANOVA (1 factor). Para viabilizar a utilização deste teste paramétrico foi necessário ordenar previamente as observações das variáveis onde foram detectadas as diferenças e realizar os testes de comparações múltiplas com base nestas variáveis e não na variável original (Marôco, 2007). Através do Teste de Tukey, e por meio da Tabela 7, é possível verificar que as diferenças encontradas entre os grupos nas três variáveis em causa devem-se ao facto de existirem diferenças significativas entre o grupo crente praticante e os outros dois grupos (crente não praticante e grupo não crente), como se pode verificar na Tabela 7. Para os crentes praticantes os valores obtidos na subescala Confiança são significativamente superiores comparativamente aos não crentes ($M_{CP} - M_{NC} = 55,67$; $p=0,003$) e que os crentes não praticantes ($M_{CP} - M_{CNP} = 34,15$; $p=0,038$). No caso da Paixão e do PCI as diferenças vão no mesmo sentido: os crentes praticantes apresentam valores mais elevados do que os não crentes (Paixão: $M_{CP} - M_{NC} = 45,10$; $p=0,024$; PCI: $M_{CP} - M_{NC} = 52,22$; $p=0,009$); e do que os crentes não praticantes (Paixão: $M_{CP} - M_{CNP} = 35,81$; $p=0,029$; PCI: $M_{CP} - M_{CNP} = 34,50$; $p=0,042$). As diferenças entre o grupo de não crentes e o grupo de crentes não praticantes não são significativas ($\alpha=0,05$).

Tabela 7. Diferenças entre as médias na variável *religiosidade*

	Religiosidade	Religiosidade	Média	Valor-p
RRFR_Confiança	Crente praticante	Não crente	55,67	,003
		Crente não praticante	34,15	,038
RRFR_Paixão	Crente praticante	Não crente	45,10	,024
		Crente não praticante	35,81	,029
PCI	Crente praticante	Não crente	52,22	,009
		Crente não praticante	34,50	,042

- De que forma o *Coping* Pró-activo (PCI) se relaciona com a Satisfação Conjugal (RRFR)?

Através do Tabela 8, é possível verificar que o *coping* pró-activo¹⁶ correlaciona-se positiva e significativamente com todas as subescalas/escala da satisfação conjugal

¹⁶ Uma vez que a distribuição das variáveis relativas ao *coping* pró-activo e à satisfação conjugal não cumprem os critérios de normalidade, optou-se por utilizar o teste de significância sobre o valor do coeficiente de correlação de Spearman.

(Confiança $r_s=0,317$; $p<0,001$; Conflitos $r_s=0,323$; $p<0,001$; Intimidade $r_s=0,318$; $p<0,001$; Paixão $r_s=0,406$; $p<0,001$; RRFR Total $r_s=0,392$; $p<0,001$). À medida que aumentam os valores do PCI aumentam também os valores das subescalas/escala RRFR (ou à medida que diminuem os valores do PCI diminuem também os valores das subescalas/escala RRFR).

Tabela 8. Correlação entre as variáveis *Satisfação Conjugal* e *Coping pró-ativo*

		PCI	
rho de Spearman	RRFR_Confiança	Coefficiente de correlação	,317**
		Valor-p	,000
		N	446
	RRFR_Conflitos	Coefficiente de correlação	,323**
		Valor-p	,000
		N	446
	RRFR_Intimidade	Coefficiente de correlação	,318**
		Valor-p	,000
		N	446
	RRFR_Paixão	Coefficiente de correlação	,406**
		Valor-p	,000
		N	446
	RRFR_Total	Coefficiente de correlação	,392**
		Valor-p	,000
		N	446

** $p< ,001$

- Quais serão os melhores preditores para explicar a Satisfação Conjugal?

Entre as diversas variáveis que nas análises prévias haviam sido identificadas como potenciais preditores (sexo, relação conjugal, duração da relação conjugal, filhos da relação conjugal, religiosidade, PCI) apenas duas delas foram consideradas significativas para entrar no modelo de regressão: o PCI e filhos da relação conjugal. O modelo de regressão linear múltiplo encontrado com estes dois preditores é significativo do ponto de vista estatístico ($F(2,419)=51,837$; $p<0,01$), embora explique apenas cerca de 20% da variabilidade da RRFR Total ($R^2 = 0,198$). Os coeficientes associados aos dois preditores são significativos ($p<0,001$) (ver APÊNDICE III).

Em seguida é apresentada a equação do modelo de regressão linear múltipla:

$$\text{RRFR Total} = -9024,13 - 8647,1 \times \text{filhos da relação conjugal} + 12603,9 \times \text{PCI}$$

A expressão significa que com o aumento em uma unidade no valor de PCI, a RRFR Total¹⁷ aumenta 12603,9. Quando não existem filhos (código=0), a RRFR Total resulta do valor da constante somado ao valor do PCI. Quando existem filhos (código=1), a RRFR Total diminui 8647,1 por cada filho.

¹⁷ De notar que RRFR Total, no modelo de regressão, está elevada ao expoente 5, para converter os valores das variáveis para a escala original é necessário calcular a sua raiz quinta (ver APÊNDICE IV).

Discussão

O principal objectivo deste estudo consistiu em perceber a relação entre o *Coping* Pró-activo e a Satisfação Conjugal nos primeiros dez anos de relação, e quais as influências que estas duas variáveis exercem entre si e nas variáveis sociodemográficas (sexo, escolaridade, relação conjugal, filhos da relação conjugal, duração da relação conjugal, coabitação prévia e religiosidade).

Como primeiro passo decidiu-se estudar os resultados das variáveis sociodemográficas. Assim, e considerando a variável *sexo*, não se verificam diferenças ao nível da satisfação conjugal global. Constatou-se uma diferença entre homens e mulheres, quanto ao nível das dimensões intimidade, paixão e confiança, valores que são superiores nos homens, e que vão ao encontro dos dados da literatura que mencionam que o casamento favorece mais os homens do que as mulheres (Levenson et al., 1993). No entanto, no que toca à satisfação conjugal global, os dois grupos não diferem tal como constatado na investigação de Lind (2008). Quanto às estratégias de *coping* pró-activo também não se evidenciam diferenças, apontando para que estas estratégias não dependam do sexo, mas sim de características pessoais como por exemplo responsabilização e estratégias emocionais positivas (Greenglass et al., 1999).

Para a variável *escolaridade* não foram encontradas diferenças significativas no grau de ensino, comparativamente com a satisfação conjugal, o que parece ir ao encontro com o estudo de Alder (2010), contrariamente ao estudo de Heaton (2002) onde foram encontradas diferenças sobretudo ao nível do ensino superior. No que diz respeito às estratégias de *coping* pró-activo também não se verificaram diferenças quanto aos vários graus de ensino, o que indica que esta estratégia não varia com a escolaridade.

Relativamente à *relação conjugal* verificam-se diferenças significativas entre casados e casais em união de facto. Os casados apresentam valores superiores para a satisfação conjugal na dimensão confiança e nas estratégias de *coping* pró-activo, o que pode ser justificado com o facto de muitos casais percepcionarem a coabitação como um “período experimental” (Popenoe & Whitehead, 1999) no qual há menor confiança de que a relação venha a funcionar. Os níveis superiores de *coping* pró-activo podem indicar que os casados percepcionam o casamento como um desafio, no sentido de o encararem como um caminho construtivo de criação de oportunidade de crescimento

(Schwarzer & Taubert, 2002) pelo facto de terem assumido um compromisso através do casamento.

No que concerne aos *filhos da relação conjugal* encontraram-se diferenças na satisfação conjugal global e em todas as suas dimensões (confiança, conflitos, intimidade e paixão). Os casais sem filhos apresentam níveis superiores de satisfação conjugal. Para os casais com filhos os dados revelam que, com o aumento de filhos, diminui a satisfação conjugal, o que coincide com os dados da literatura, uma vez que esta experiência causa um enorme impacto na vida pessoal e familiar dos novos pais, com grandes mudanças e adaptações a novos papéis, responsabilidades e rotinas. É uma transição para uma nova etapa no ciclo de vida familiar (Relvas, 1996). Casais com filhos relatam uma menor satisfação conjugal em comparação com casais sem filhos, sendo o número de filhos na família inversamente proporcional aos níveis de satisfação conjugal dos pais (Twenge et al., 2003). A inexistência de filhos correlaciona-se positivamente com o *coping* pró-activo, ou seja casais sem filhos utilizam mais estratégias de *coping* pró-activo do que casais com filhos. Isto pode dever-se ao facto dos casais sem filhos poderem apresentar uma maior capacidade de gestão da vida pessoal, com maior qualidade e possibilidade de concretização de objectivos (Schwarzer, 1999).

Quanto à *duração da relação conjugal* foram encontradas correlações negativas com a satisfação conjugal global e com todas as dimensões, o que significa que à medida que aumenta a duração da relação (de 0 a 10 anos), diminui a satisfação conjugal. Este facto coincide com os estudos de Dush et al. (2008) o que de alguma forma se explica por ser um período “exaltante e difícil”, a fase de formação do “nós” e de um “eu” partilhado, que implica um maior confronto entre o “eu” de cada um dos cônjuges. (DeFranck-Lynch, 1986 cit. in Relvas, 1996). No que concerne ao *coping* pró-activo este não parece sofrer influência da duração da relação conjugal.

Ao analisar a *relação conjugal* ao longo do tempo (período dos primeiros dez anos de relação) constatou-se uma diminuição da satisfação conjugal global e da paixão em ambos os tipos de relação conjugal. Contrariamente, as dimensões confiança e intimidade apenas diminuem significativamente nos casais em união de facto, o que pode estar relacionado com o facto de este grupo não ter assumido um compromisso com a instituição do casamento e a base da relação estar assente na ambiguidade como segurança, o que leva a níveis inferiores de confiança e dedicação (Rhoades, 2009; Stanley et al., 2011). Quanto aos casados verificou-se um aumento significativo de

conflitos, sendo todavia necessário ter-se em conta que o importante é a capacidade de resolução de conflitos e a capacidade de ultrapassar estas situações mediante tentativas eficazes de reconciliação (Gottman, 2001).

No que toca aos casais sem filhos verificou-se uma diminuição da satisfação conjugal global e das dimensões de intimidade e paixão ao longo do tempo, o que nos leva a pensar qual será o motivo que leva estes casais a não terem filhos. Será mera opção ou existirá alguma impossibilidade? O mesmo não se pode dizer dos casais com filhos, uma vez que a diminuição da satisfação conjugal não se revelou significativa.

Quanto à *coabitação prévia* não se pode afirmar que os casais que coabitaram antes do casamento são menos satisfeitos e que usam menos estratégias de *coping* pró-activo. O mesmo se considera para os casais que não coabitaram. Efectivamente este dado vai contra grande parte da literatura que defende que a pré-coabitação leva a um menor bem-estar psicológico, por parte das mulheres que coabitam antes do casamento (Rhoades et al., 2006, 2009; Kulik e Havusha-Morgenstern, 2011), e a uma elevada incidência de divórcio por parte dos casais que pré-coabitam (Lillard et al., 1995). É de salientar, ainda, os baixos níveis de satisfação e dedicação na relação de pré-coabitação. Estudos concluem que alguns casais nunca teriam enveredado pelo casamento se antes não tivessem coabitado (Rhoades et al., 2012; Stanley et al., 2006). O facto de não se ter encontrado diferenças entre os casais, quanto aos níveis de satisfação conjugal e ao *coping* pró-activo, deve ser observado com alguma cautela, uma vez que a amostra dos casais que coabitaram antes do casamento é muito diminuta. Para além disso, a pré-coabitação não está sempre associada a resultados conjugais negativos, sendo o estatuto de noivado um factor-chave atenuante (Kline et al., 2004).

Quanto à *religiosidade*, os dados indicam que os crentes praticantes apresentam níveis superiores de satisfação conjugal, ao nível da confiança e paixão, quando comparados com crentes não praticantes e não crentes. Estes dados estão de acordo com a literatura no sentido em que o envolvimento religioso, e não apenas o factor crença, tem um impacto positivo na qualidade da relação conjugal (Wilcox & Wolfinger, 2008). Os níveis elevados apresentados pelos crentes praticantes nas estratégias de *coping* pró-activo podem estar relacionados com o facto de a sua crença estar baseada na forma com que encaram as situações da vida, com uma motivação positiva (Greenglass, 2002).

Quanto à relação entre o *coping* pró-activo e a satisfação conjugal concluiu-se que efectivamente existia uma correlação. À medida que são utilizadas mais estratégias de *coping* pró-activo pelo casal, maior o aumento da satisfação conjugal global, assim

como em todas as dimensões estudadas (confiança, conflitos, intimidade e paixão). À medida que diminui o coping pró-activo a satisfação conjugal global e as dimensões estudadas decrescem.

Com base nos resultados obtidos, pode considerar-se o *coping* pró-activo e o número de filhos da relação conjugal os melhores preditores para explicar a satisfação conjugal global (ainda que estes apenas expliquem 19% da variabilidade). Deste modo pode ser afirmado que os casais que mais recorrem a estratégias de *coping* pró-activo têm uma maior satisfação conjugal e, pelo contrário, o facto de se ter filhos diminui a satisfação conjugal.

Conclusão

A presente investigação permite-nos retirar algumas conclusões gerais, a partir dos resultados do estudo quantitativo. Assim, como conclusão principal deste estudo podemos afirmar que as estratégias de *coping* pró-activo estão associadas a uma maior satisfação conjugal, sendo estas, a par do factor filhos da relação conjugal, os melhores preditores para explicar a satisfação conjugal global dos casais. Constata-se que os casais que se encontram casados têm níveis superiores de confiança do que os casais em união-de facto e usam mais estratégias de *coping* pró-activo.

Ao tomarmos em consideração os primeiros dez anos de relação conjugal percebemos que à medida que o tempo de duração da relação aumenta, a satisfação conjugal global diminui. Todavia, se tivermos em conta o tipo de relação conjugal, os resultados indicam que os coabitantes têm menores níveis de confiança e intimidade, à medida que aumentam os anos de relação, que os casados, e que estes últimos têm um aumento de conflitos com o passar dos anos.

A inexistência de filhos relaciona-se com uma maior satisfação conjugal global e com maiores estratégias de *coping* pró-activo, o número de filhos é inversamente proporcional aos níveis de satisfação conjugal global. No entanto, quando consideramos a duração da relação conjugal percebemos que há uma diminuição significativa de intimidade, paixão e de satisfação conjugal global para os casais sem filhos, o que não acontece de forma significativa para os casais com filhos ao longo do tempo.

Os resultados obtidos para outras variáveis como o sexo, revelam que os homens têm níveis superiores de confiança, intimidade e paixão comparativamente ao das mulheres. Quanto à religiosidade, aos crentes praticantes está associada maior confiança, paixão e estratégias de *coping* pró-activo do que nos crentes não praticantes e não crentes.

Por meio dos resultados obtidos pretendemos, com este estudo, ver colmatada uma lacuna na literatura e, de alguma forma, ajudar a abrir as portas para o estudo desta nova variável, o *coping* pró-activo na relação de casal, compreendendo a relação e influência na satisfação conjugal. Uma vez que sabemos que o *coping* pró-activo está associado a resultados positivos e importantes para a promoção da saúde e do bem-estar (Greenglass & Fiksenbaum, 2009), com os resultados deste estudo podemos, de uma forma ainda prematura, realizar uma analogia para a satisfação conjugal.

Relativamente às limitações deste estudo identificamos primeiramente o facto de ser um estudo exploratório, condicionando a generalização das suas conclusões para a

população portuguesa, uma vez que se recorreu a uma amostra de conveniência. Outra limitação está relacionada com o tamanho das nossas subamostras e o facto destas não serem equitativas, como no caso entre homens e mulheres; casados e em união de facto; os que pré-coabitaram e os que não o fizeram, o que leva a que esta divergência de *N* possa ter condicionado os resultados obtidos. Em investigações futuras seria proveitoso obter uma amostra maior com estas limitações no número da amostra acauteladas, de forma a poder-se ultrapassar os problemas de representatividade da população.

Outra limitação prende-se com a dualidade entre os indivíduos que optaram por responder aos inventários e os que não o fizeram, uma vez que aqueles que se sentem particularmente satisfeitos com a sua relação podem ser mais atraídos a responder. Em pesquisas futuras seria pertinente que este protocolo de investigação fosse aplicado a casais, aos dois elementos da díade conjugal, com o intuito de poder analisar estatisticamente o grau de acordo entre eles nos diversos instrumentos de avaliação. Consideramos que pesquisas futuras sobre o *coping* pró-activo e a satisfação conjugal poderão ampliar a compreensão destes através da inclusão de outras variáveis (e.g., idade dos filhos; etapa do ciclo de vida, situação relacional anterior, primeiros casamentos ou situações de famílias reconstituídas, viuvez; entre outras).

A presente investigação demonstrou que o *coping* pró-activo se relaciona com o aumento da satisfação conjugal. Neste sentido, e tendo em vista a criação de programas de prevenção, sugere-se que, para além dos focos na comunicação e resolução de conflitos que usualmente os definem, seria de interesse a inserção da temática do *coping* pró-activo e da transição para a parentalidade, como predictores da satisfação conjugal. Estas temáticas podem ainda reforçar alguns dos programas de enriquecimento conjugal, terapia de casal e/ou prática clínica individual.

Em suma, esperamos que este estudo venha a realizar um contributo significativo e inovador na exploração em simultâneo das variáveis, *coping* pró-activo e satisfação conjugal.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares* (3ª ed.). Lisboa: Quarteto.
- Alder, E. S. (2010). Age Education Level, and Length of Courtship in Relation to Marital Satisfaction. *School of professional psychology, 104* (4) (2010), pp. 7–27.
- Aspinwall, L. G., & Taylor, S., E. (1997). A stitch in time: Self-regulation and Proactive coping. *Psychologica Blulletin, 121*, 417-436.
- Biehle, S. N. (2009). *Preparing for Parenthood: Individual and Couple Models of Anxiety and Marital Satisfaction*. MA, Kent State University, College of Arts and Sciences / Department of Psychology.
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of Marriage and the Family, 62*, 964-980.
- Braithwaite, S., Selby, E., & Fincham, F.D. (2011). Forgiveness and relationship satisfaction: Mediating mechanisms. *Journal of Family Psychology, 25*, 551-559.
- Budinski, R. A., Trovato, F. (2005). The Effect of Premarital Cohabitation on Marital Stability over the Duration of Marriage. *Canadian Studies in Population, Vol. 32.1*, pp. 69-95.
- Caillé, P. (1991). *Un et un font trois: Le couple révele à lui-même*. Paris: ESF.
- Costa-Ramalho, S., Marques Pinto, A., & Ribeiro, M. T. (Submetido). *Couple strengths and stressors: The perspective of those living and those observing*. Faculty of Psychology, University of Lisbon.
- DeMaris, A. & Rao, K.V. (1992). Premarital cohabitation and subsequent marital stability in the United States: A reassessment. *Journal of Marriage and the Family, 54*, 178-190.
- Dush, C. M. Kamp, Taylor, M. G., & Kroeger, R. A. (2008). Marital happiness and psychological well-being across the life course. *Family Relations, 57*(2), 211-226.
- Fincham, F. D. (2009). Forgiveness: Integral to close relationships and inimical to justice? *Virginia Journal of Social Policy and the Law, 16*(2):358-384
- Greenglass, E., Schwarzer, R., Jakubiec, D., Fiksenbaum, L., & Taubert, S. (1999). *The Proactive Coping Inventory (PCI): A multidimensional research instrument*. Paper presented at the 20th International Conference of the Stress and Anxiety Research Society (STAR), Cracow, Poland.

- Greenglass, E. (2002). Chapter 3. Proactive coping. In E. Frydenberg (Ed.), *Beyond coping: Meeting goals, vision, and challenges*. London: Oxford University Press, (pp. 37-62).
- Greenglass, E.R., & Fiksenbaum, L. (2009). Proactive coping, positive affect and well-being: testing for mediation using path analysis. *European Psychologist, 14*(1), 29-39.
- Gottman, J. M. (1998). Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology, 49*, 169-197.
- Gottman, J., & Silver, N. (2001). *Os Sete Princípios do Casamento*. Cascais: Pergaminho.
- Heaton, T. B. (2002). Factors contributing to increasing marital stability in the United States. *Journal of Family Issues, 23*(3), 392-409.
- Hill, M. M. & Hill, A. (2005). *Investigação por Questionário*. 2ª Ed., Lisboa: Edições Sílabo.
- Instituto Nacional de Estatística (2012). Censos 2011: Dados Estatísticos. Retirado em 30 de Abril de 2013 de www.ine.pt
- Lind, W. (2008). *Casais Biculturais e Monoculturais: Diferenças e Recursos*. Tese de Doutoramento em Psicologia Social. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Levenson, R. W., Carstensen, L. L., & Gottman, J. M. (1993). Long-term marriage: age, gender, and satisfaction. *Psychology and Aging, 8* (2), 301-313.
- Kline, G.H., Stanley, S. M., Markman, H J., Olmos-Gallo, P. A., Peters, M. S., Whitton, S. W., and Prado, L. M. (2004). Timing is everything: Pre-engagement cohabitation and increased risk for poor marital outcomes. *Journal of Family Psychology, 18*(2), 311-318.
- Kulik, L., & Havusha-Morgenstern, H. (2011). Does cohabitation matter? Differences in initial marital adjustment among women who cohabited and those who did not. *Families in Society, 92*, 120-127.
- Kurdek, L. (2005). Gender and marital satisfaction early in marriage: A growth curve approach. *Journal of Marriage and Family, 67*, 68-84.
- Lillard, L., Brien, M., & Waite, L. (1995). Premarital cohabitation and subsequent marital dissolution: Is it self-selection? *Demography, 32*, 437-457.
- Manning, W. D., & Smock, P. J. (2005). Measuring and modeling cohabitation: New perspectives from qualitative data. *Journal of Marriage and Family, 67*, 989-1002.

- Marôco, J. (2010). *Análise Estatística com o PASW Statistics*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- Morin, E. (2001). *L'identité humaine – La méthode – 5.L'humanité de l'humanité*. Paris: Éditions du Seuil.
- Morris, M.L., & Carter, S.A. (1999). Transition to Marriage: A Literature Review. *Journal of Family and Consumer Sciences Education*, 17(1), 1-21.
- Mynarska, M. & Bernardi, L. (2007). *Meanings and Attitudes to Cohabitation in Poland: Qualitative analyses of the slow diffusion of cohabitation among the young generation*. Max Planck Institute for Demographic Research.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades Satisfeitas mas Não Perfeitas - À Procura do Padrão que Liga*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I., & Ribeiro M. (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Norgren, M., Souza, R., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia* (Natal), 9(3), pp.575-584.
- Popenoe, D. & Whitehead, B. (1999). *Should we live together? What young adults need to know about cohabitation before marriage*. The National Marriage Project, New Brunswick, NJ.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 5ª ed., Lisboa: Gradiva
- Relvas, A.P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2006). Pre-engagement cohabitation and gender asymmetry in marital commitment. *Journal of Family Psychology*, 20(4), 553-560.
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2009). Couples' reasons for cohabitation: Associations with individual well-being and relationship quality. *Journal of Family Issues*, 30, 233-258.
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2012). A Longitudinal Investigation of Commitment Dynamics in Cohabiting Relationships. *Journal of Family Issues*, 33(3), 369-390.
- Roesch, S.C., Aldridge, A. A., Huff, T.L., Langner, K., Villodas, F., & Bradshaw, K. (2002). On the dimensionality of the Proactive Coping Inventory: 7, 5, 3 factors? *Anxiety, Stress & Coping*, 22, 327–339.

- Rosina, A. & Fraboni, R. (2004). Is marriage losing its centrality in Italy? *Demographic Research* 11(6):149-172.
- Schwarzer, R. (1999). Self-regulatory processes in the adoption and maintenance of health behaviors: The role of optimism, goals, and threats. *Journal of Health Psychology*, 4(2), 115-127.
- Schwarzer, R., & Taubert, S. (2002). Tenacious goal pursuits and striving toward personal growth: Proactive coping. In E. Frydenberg (Ed.), *Beyond coping: Meeting goals, visions and challenges* (pp. 19-35). London: Oxford University Press.
- Schumann, K. (2012). Does love mean never having to say you're sorry? Associations between relationship satisfaction, perceived apology sincerity, and forgiveness. *Journal of Social and Personal Relationships* 29, 998-110.
- Skinner, K. B., Bahr, S.J., Crane, D.R & Call, V. (2002). Cohabitation, marriage, and remarriage: A comparison of relationship quality over time. *Journal of Family Issues*, 23(1):74-90.
- Stafford, L., Kline, S. L., & Rankin, C. (2004). Married individuals, cohabiters, and cohabiters who marry: A longitudinal study of relational and individual well-being. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21, 231-248.
- Stanley, S.M., & Markman, H.J. (1992). Assessing commitment in personal relationships. *Journal of Marriage and Family*, 54, 595-608.
- Stanley, S. M., Whitton, S. W., & Markman, H. J. (2004). Maybe I do: Interpersonal commitment levels and premarital or non-marital cohabitation. *Journal of Family Issues*, 25, 496-519.
- Stanley, S. M., Rhoades, G. K., & Markman, H. J. (2006). Sliding vs. deciding: Inertia and the premarital cohabitation effect. *Family Relations*, 55, 499-509.
- Stanley, S. M., Rhoades, G. K., & Fincham, F. D. (2011). Relationship education in emerging adulthood: Problems and prospects. In *Romantic Relationships in Emerging Adulthood* (pp. 293-316). New York, NY, US: Cambridge University Press.
- Twenge, J. M., Campbell, W. K., & Foster, C. A. (2003). Parenthood and Marital Satisfaction: A Meta-Analytic Review. *Journal of Marriage and Family*, Vol. 65, No. 3.
- Uskul, A. K., & Greenglass, E. (2005). Psychological wellbeing in a Turkish-Canadian sample. *Anxiety, Stress, and Coping*, 18(3): 269-278.
- Wilcox, B., W. (2005). *Why marriage Matters: Twenty-six conclusions from the social sciences*. New York: Institute of American Values.

- Wilcox, W. B., & Wolfinger, N. H. (2008). Living and loving “decent”: Religion and relationship quality among urban parents. *Social Science Research*, 37(3), 828-843.
- Wolfinger, N. H., & Wilcox, W. B. (2008). Happily ever after? Religion, marital status, gender and relationship quality in urban families. *Social Forces*, 86 (3), 1311-1337.

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

***COPING PRÓ-ACTIVO E SATISFAÇÃO CONJUGAL:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO***

APÊNDICES E ANEXOS

Vanessa Filipa Tavares dos Santos Inácio

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica
Sistémica)**

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



COPING PRÓ-ACTIVO E SATISFAÇÃO CONJUGAL:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

APÊNDICES E ANEXOS

Vanessa Filipa Tavares dos Santos Inácio

Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro

Dissertação co-orientada pela Dra. Susana Costa Ramalho

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica
Sistémica)**

2013

APÊNDICE I

Caracterização da Amostra

Caracterização da amostra

Sexo	N	%	Religiosidade	N	%
Feminino	292	65,5	Não crente	88	19,7
Masculino	154	34,5	Crente não praticante	204	45,7
Total	446	100	Crente praticante	129	28,9
			<i>missings</i>	25	5,6
Idade					
20 – 29	135	30,3			
30 – 39	267	59,9	Religião		
40 – 49	37	8,3	Católica	224	50,2
50 – 59	1	0,2	Outra	63	14,0
60 – 69	6	1,3	<i>missings</i>	159	35,6
Nacionalidade			Relação Conjugal		
Portuguesa	425	95,3	Casamento	297	66,6
Outra	19	4,3	União de facto	144	32,3
<i>missings</i>	2	0,4	<i>missings</i>	5	1,1
Escolaridade			Coabitação Prévia		
1ºciclo	1	0,2	Sim	128	28,7
2ºciclo	6	1,3	Não	167	37,4
3ºciclo	34	7,6	<i>Não se aplica</i>	148	33,2
Secundário	125	28,0	<i>missings</i>	3	0,7
Licenciatura	232	52,0			
Mestrado	43	9,6	Filhos da relação conjugal		
Doutoramento	5	1,1	Sim	266	59,6
			Não	156	35,0
			<i>missings</i>	24	5,4
Zona de residência			Número de filhos		
Norte	27	6,1	0	156	35,0
Centro	66	14,8	1	174	39,0
Lisboa e Vale do Tejo	297	66,7	2	74	16,6
Alentejo	19	4,3	3	7	1,6
Algarve	2	0,4	<i>missings</i>	35	7,8
Açores	2	0,4			
Madeira	32	7,2			
<i>missings</i>	1	0,2			
Duração da relação conjugal	Média	Desvio-padrão	Min	Max	
Casamento	6,55	3,34	1	10	
União de facto	5,39	2,77	2	10	

APÊNDICE II

Tabelas de Resultados

Tabelas A1 – Diferenças entre ordens médias da variável *escolaridade* em relação ao PCI e à RFRF

	Nível de escolaridade recodificado	N	Média das ordens
RRFR_Confiança	1º a 3º Ciclo	41	217,57
	Secundário	125	238,75
	Licenciatura, mestrado ou doutoramento	280	217,56
	Total	446	
RRFR_Conflitos	1º a 3º Ciclo	41	241,38
	Secundário	125	222,20
	Licenciatura, mestrado ou doutoramento	280	221,46
	Total	446	
RRFR_Intimidade	1º a 3º Ciclo	41	226,50
	Secundário	125	228,15
	Licenciatura, mestrado ou doutoramento	280	220,98
	Total	446	
RRFR_Paixão	1º a 3º Ciclo	41	243,12
	Secundário	125	232,80
	Licenciatura, mestrado ou doutoramento	280	216,47
	Total	446	
RRFR_Total	1º a 3º Ciclo	41	233,18
	Secundário	125	232,46
	Licenciatura, mestrado ou doutoramento	280	218,08
	Total	446	
PCI	1º a 3º Ciclo	41	256,26
	Secundário	125	208,93
	Licenciatura, mestrado ou doutoramento	280	225,21
	Total	446	

Tabela A2 – Teste de Kruskal Wallis da variável *escolaridade* em relação ao PCI e à RFRF

	RRFR Confiança	RRFR Conflitos	RRFR Intimidade	RRFR Paixão	RRFR Total	PCI
Chi-Square	2,438	,873	,292	2,435	1,330	4,374
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,296	,646	,864	,296	,514	,112

Tabela B1 - Diferenças entre as ordens médias da variável *relação conjugal* em relação ao PCI e à RRFR

	Relação Conjugal	N	Ordem média
RRFR_Confiança	Casamento	297	229,72
	União de facto	144	203,01
	Total	441	
RRFR_Conflitos	Casamento	297	217,49
	União de facto	144	228,24
	Total	441	
RRFR_Intimidade	Casamento	297	224,42
	União de facto	144	213,94
	Total	441	
RRFR_Paixão	Casamento	297	227,18
	União de facto	144	208,26
	Total	441	
RRFR_Total	Casamento	297	225,67
	União de facto	144	211,38
	Total	441	
PCI	Casamento	297	229,39
	União de facto	144	203,69
	Total	441	

Tabela B2. Teste de Kruskal Wallis da variável *relação conjugal* em relação ao PCI e à RRFR

	Relação conjugal	N	Mediana	U	Valor-p
RRFR_Confiança	Casamento	297	8,21	18793,50	,039
	União de facto	144	7,93		
RRFR_Conflitos	Casamento	297	7,71	20341,50	,406
	União de facto	144	7,85		
RRFR_Intimidade	Casamento	297	7,67	20367,50	,417
	União de facto	144	7,50		
RRFR_Paixão	Casamento	297	8,00	19550,00	,144
	União de facto	144	7,80		
RRFR_Total	Casamento	297	7,86	19998,00	,269
	União de facto	144	7,69		
PCI	Casamento	297	3,40	18891,50	,045
	União de facto	144	3,40		

Tabela C. Correlações entre a variável *relação conjugal*, o PCI e a RFR em relação à *duração da relação conjugal*

		Casamento	União de facto
		Duração da relação (anos)	Duração da relação (anos)
rho de Spearman	RRFR_Confiança	Coefficiente de correlação	-,110
		Valor-p	,027
		N	140
	RRFR_Conflitos	Coefficiente de correlação	-,140*
		Valor-p	,019
		N	140
	RRFR_Intimidade	Coefficiente de correlação	-,089
		Valor-p	,136
		N	140
	RRFR_Paixão	Coefficiente de correlação	-,176**
		Valor-p	,003
		N	140
	RRFR_Total	Coefficiente de correlação	-,132*
		Valor-p	,026
		N	140
	PCI	Coefficiente de correlação	-,012
		Valor-p	,844
		N	140

*p<,05. **p<,01

Tabela D. Correlações entre a variável *filhos da relação conjugal*, o PCI e a RFR em relação à *duração da relação conjugal*

		Sem filhos	Com filhos
		Duração da relação (anos)	Duração da relação (anos)
rho de Spearman	RRFR_Confiança	Coefficiente de correlação	-,155
		Valor-p	,056
		N	253
	RRFR_Conflitos	Coefficiente de correlação	-,107
		Valor-p	,188
		N	253
	RRFR_Intimidade	Coefficiente de correlação	-,202*
		Valor-p	,012
		N	253
	RRFR_Paixão	Coefficiente de correlação	-,240**
		Valor-p	,003
		N	253
	RRFR_Total	Coefficiente de correlação	-,203*
		Valor-p	,012
		N	253
	PCI	Coefficiente de correlação	-,057
		Valor-p	,484
		N	253

* p<,05. ** p<,01

Tabela E1. Diferenças entre as ordens médias da variável *coabitação prévia* em relação ao PCI e à RRFR

	Coabitação Prévia	N	Ordem média
RRFR_Confiança	Sim	128	145,73
	Não	167	149,74
	Total	295	
RRFR_Conflitos	Sim	128	154,68
	Não	167	142,88
	Total	295	
RRFR_Intimidade	Sim	128	152,78
	Não	167	144,34
	Total	295	
RRFR_Paixão	Sim	128	149,99
	Não	167	146,48
	Total	295	
RRFR_Total	Sim	128	151,77
	Não	167	145,11
	Total	295	
PCI	Sim	128	142,93
	Não	167	151,89
	Total	295	

Tabela E2. Teste de Mann-Whitney da variável *coabitação prévia* em relação ao PCI e à RRFR

	RRFR Confiança	RRFR Conflitos	RRFR Intimidade	RRFR Paixao	RRFR Total	PCI
Mann-Whitney U	10398,000	9833,500	10076,000	10433,500	10205,500	10038,500
Wilcoxon W	18654,000	23861,500	24104,000	24461,500	24233,500	18294,500
Z	-,400	-1,178	-,844	-,351	-,665	-,903
Asymp. Sig. (2-tailed)	,689	,239	,399	,726	,506	,366

APÊNDICE III

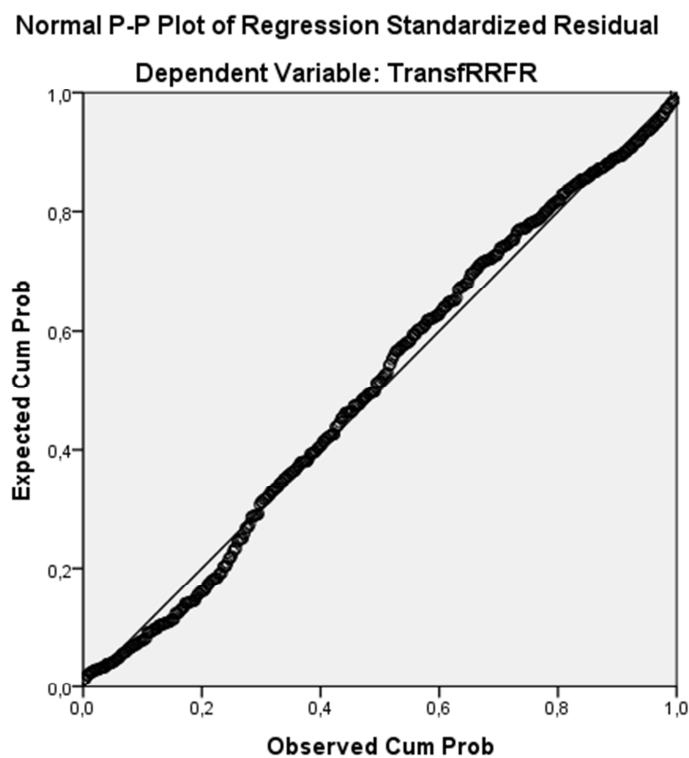
Modelo de Regressão Linear Múltipla

Modelo de Regressão Linear Múltipla

Modelo	Coeficiente não padronizado		Coeficiente padronizado	t	Sig.
	B	Desvio-padrão	Beta		
(Constante)	-9024,133	5827,098		-1,549	,122
1 Filhos da relação	-8647,141	1466,332	-,259	-5,897	,000
PCI	12603,880	1654,843	,335	7,616	,000

Normalidade da distribuição dos resíduos

Através do gráfico de probabilidade normal (*Normal probability plot*) que se segue é possível pressupor a existência de normalidade da distribuição dos resíduos, uma vez que os valores representados no gráfico distribuem-se sobre a recta (diagonal principal) ou próximos da mesma.



Esta análise visual é também corroborada pelos valores obtidos pelo teste de Kolmogorov Smirnov sobre os valores dos resíduos não estandardizados e que consta do quadro seguinte (KS=0,943, p=0,336).

Teste Kolmogorov-Smirnov

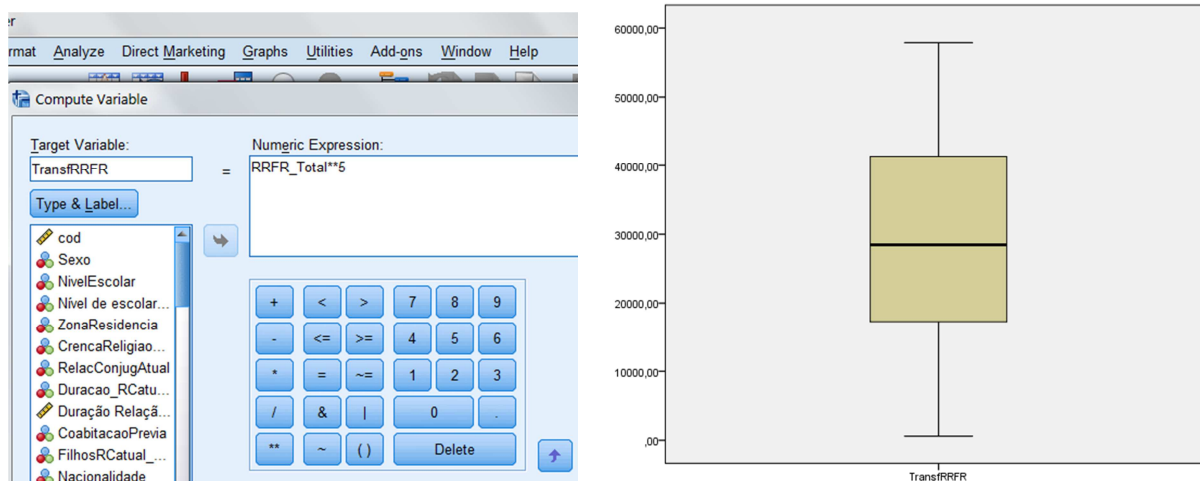
	Resíduos não padronizados
N	422
Kolmogorov-Smirnov Z	,943
Asymp. Sig. (2-tailed)	,336

APÊNDICE IV

Transformação da variável RFR Total

Transformação da variável RRRFR Total

5
RRFR



Através do gráfico cal e folhas podemos confirmar a inexistência de *outliers*.

	N	Skewness		Kurtosis	
	Statistic	Statistic	Std. Error	Statistic	Std. Error
RRFR Transformada	446	-,090	,116	-1,000	,231
Valid N	446				

O coeficiente de assimetria (enviesamento - Skewness) aproxima-se de zero e o coeficiente de achatamento (Kurtosis) é igual a -1.

Teste Kolmogorov-Smirnov	
	RRFR Total Transformada
N	446
Kolmogorov-Smirnov Z	1,202
Asymp. Sig. (2-tailed)	,111

Pelo teste de Kolmogorov-Smirnov pode afirmar-se que a distribuição da variável RRRFR Total tem uma distribuição Normal (KS=1,202; p=0,111).

ANEXO A

Questionário de dados pessoais e sociodemográficos

____/____/____

(dia) (mês) (ano)

1. Sexo: Feminino Masculino
2. Nacionalidade: Portuguesa Outra Qual: _____
3. Etnia:

Caucasiana ou Europeia Africana Asiática

Outra Qual? _____
4. Idade: _____ anos
5. Profissão: _____ (no caso de se encontrar desempregado, indique p.f. a última actividade profissional que exerceu)
6. Situação profissional actual:

No activo Reformado Desempregado

Outro Qual? _____
7. Nível de escolaridade (indique o grau que se encontra completo):

1º ciclo (4º ano) 2º ciclo (6º ano) 3º ciclo (9º ano)

Secundário (12º ano) Licenciatura Mestrado Doutoramento
8. Zona de residência:

Norte Centro Lisboa e Vale do Tejo

Alentejo Algarve Açores Madeira

Outro Qual? _____
9. Crenças e práticas religiosas:

Não crente

Crente não praticante

Religião _____

Crente praticante

Religião _____

Outro

Qual? _____

10. Relação conjugal actual: Casamento União de facto

11. Tempo de duração da actual relação conjugal _____ anos

12. No caso de se encontrar casado, coabitou com o seu cônjuge antes de casar?

Sim

Não

13. Se sim, durante quanto tempo? _____ anos

14. Tempo de namoro antes de vida conjugal? _____ anos

15. Tem filhos da actual relação conjugal?

Sim N.º _____

Não

Se sim, idades: ___/___/___/___ anos

16. Teve relacionamentos conjugais anteriores (casamento ou coabitação durante pelo menos 2 anos)?

Sim

Não

Em caso afirmativo:

1. Quantos? 1 2 3 Mais de 3

2. Tipo e duração das relações conjugais anteriores:

1. Casamento União de facto Duração _____ anos

2. Casamento União de facto Duração _____ anos

3. Casamento União de facto Duração _____ anos

3. Tem filhos das anteriores relações conjugais?

Sim N.º _____

Não

Se sim, idades: ___/___/___/___ anos

ANEXO B

Proactive Coping Inventory

MPCI⁵

As frases que se seguem representam reacções que as pessoas podem ter face a várias situações no contexto da relação conjugal. Indique quão verdadeiras são estas frases para si, dependendo de como se sente em cada situação. Utilize a chave de classificação que se segue e assinale com uma cruz (X) ou com um círculo (O) o número que escolher.

Nunca	Raramente	Algumas vezes	Sempre
1	2	3	4

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Sempre
1. Quando tenho um problema na relação conjugal tomo a iniciativa de o resolver.	1	2	3	4
2. Aperfeiçoó as minhas capacidades relacionais para prevenir que a relação conjugal termine ou corra mal.	1	2	3	4
3. Sou uma pessoa com iniciativa para investir/cuidar da minha relação conjugal.	1	2	3	4
4. Previno-me para evitar situações que possam pôr em perigo a minha relação conjugal.	1	2	3	4
5. Face a uma dificuldade com o meu cônjuge, espero que as coisas se resolvam por si próprias.	1	2	3	4
6. Procuro garantir que a minha relação conjugal está segura para a proteger de dificuldades no futuro.	1	2	3	4
7. Tento determinar o que preciso fazer para que a relação conjugal tenha sucesso	1	2	3	4
8. Preparo-me para acontecimentos desfavoráveis na relação conjugal.	1	2	3	4

⁵ Greenglass, Schwarzer & Taubert, 1999; versão portuguesa de Alvarez, Marques Pinto e Gregg, 2010; versão adaptada de Costa Ramalho, Marques Pinto & Ribeiro, 2011

ANEXO C

Relationship Rating Form Revised - RRF

RRF-R³

Nesta secção encontra questões acerca da sua relação com o seu cônjuge. Para lhes responder, assinale com uma cruz (X) ou um círculo (O) o número que melhor reflecte os seus sentimentos acerca da sua relação com esta pessoa.

Use a seguinte chave para o significado dos números:

Nada	Muito pouco	Ligeiramente ou raramente	Alguma coisa ou não muito frequentemente	Um bom bocado	Bastante	Muito	Fortemente ou quase sempre	Completamente ou extremamente
1	2	3	4	5	6	7	8	9

1. Aceita esta pessoa tal como ela é?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
2. Está disposto a ignorar as pequenas falhas desta pessoa devido aos sentimentos que tem por ela?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
3. É fácil para si perdoar esta pessoa?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
4. Respeita esta pessoa?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
5. Esta pessoa revela o que há de melhor em si?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
6. Esta pessoa é um bom ouvinte das suas ideias e planos?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
7. Pode contar com esta pessoa em alturas de necessidade?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
8. Você e esta pessoa discutem abertamente assuntos pessoais?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
9. Você sabe que tipo de pessoa ele/a é?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
10. Conhece as falhas e defeitos desta pessoa?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
11. Conhece o passado desta pessoa?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
12. Dá-lhe prazer, só de observar ou olhar para esta pessoa?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
13. Pensa nesta pessoa mesmo quando não está com ela?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
14. Existem coisas que só faz com esta pessoa?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
15. Tem sentimentos por esta pessoa que não poderia ter por outras pessoas?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
16. É sexualmente íntimo desta pessoa?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
17. Acha esta pessoa sexualmente atraente?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
18. Gosta de ser tocado/a por esta pessoa e de o/a tocar?	1	2	3	4	5	6	7	8	9

³ Davis, 1996; versão portuguesa de Lind, 2007

Nada	Muito pouco	Ligeiramente ou raramente	Alguma coisa ou não muito frequentemente	Um bom bocado	Bastante	Muito	Fortemente ou quase sempre	Completamente ou extremamente
1	2	3	4	5	6	7	8	9

19. Pode contar com esta pessoa para lhe emprestar uma quantidade substancial de dinheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
20. Pode contar com esta pessoa para arriscar a sua segurança pessoal para o/a ajudar se você estiver em perigo?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
21. Pode contar com esta pessoa para fazer por si tudo o que estiver ao seu alcance?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
22. Está preparado para fazer um sacrifício significativo por esta pessoa?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
23. Pode contar com esta pessoa para lhe dizer o que os outros acham de si?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
24. Pode contar com esta pessoa para o apoiar numa discussão ou disputa com outros?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
25. Pode contar com esta pessoa para defender os seus interesses se existir um conflito entre os seus interesses e os de outros?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
26. Pode contar com esta pessoa para vir em seu auxílio quando precisa de ajuda?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
27. Esta pessoa pode contar consigo para o/a ajudar quando precisar?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
28. Pode contar com esta pessoa para lhe dizer o que ele/a realmente pensa sobre certos assuntos, independentemente de poder concordar ou não consigo?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
29. Está contente na sua relação com esta pessoa?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
30. A sua relação com esta pessoa tem sido um sucesso?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
31. Dá-lhe prazer fazer coisas com esta pessoa mais do que com outras?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
32. Gosta de fazer coisas com esta pessoa, que de outra forma não gostaria?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
33. A companhia desta pessoa dá-lhe prazer?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
34. O seu cônjuge partilha o mesmo sentimento por si que você sente por ele(a)?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
35. Esta pessoa importa-se realmente consigo como pessoa?	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Nada	Muito pouco	Ligeiramente ou raramente	Alguma coisa ou não muito frequentemente	Um bom bocado	Bastante	Muito	Fortemente ou quase sempre	Completamente ou extremamente
1	2	3	4	5	6	7	8	9

36. Sente que o seu cônjuge se importa consigo tanto quanto você se importa com ele(a)?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
37. O seu cônjuge fá-lo/a sentir-se valorizado e especial?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
38. Você briga e discute com esta pessoa?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
39. Esta pessoa trata-o/a de maneira injusta?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
40. Existe tensão na sua relação com esta pessoa?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
41. Está confuso/a ou inseguro/a dos sentimentos que tem para com esta pessoa?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
42. Sente que esta pessoa exige demasiado do seu tempo?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
43. Está empenhado em permanecer na relação?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
44. Esta pessoa está à altura dos seus ideais para um cônjuge para toda a vida?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
45. Alguma vez o seu cônjuge o/a forçou a fazer alguma coisa que não quisesse fazer?	1	2	3	4	5	6	7	8	9
46. Alguma vez forçou o seu cônjuge a fazer alguma coisa que ele/a não quisesse fazer?	1	2	3	4	5	6	7	8	9